

DON'T BOTHER TO KNOCK / 1952

(Os Meus Lábios Queimam)

um filme de Roy Ward Baker

Realização: Roy Ward Baker / **Argumento:** Daniel Taradash, baseado numa novela de Charlotte Armstrong / **Fotografia:** Lucien Ballard / **Música:** Lionel Newman / **Montagem:** George A. Gittens / **Interpretação:** Richard Widmark (Jed Towers), Marilyn Monroe (Nell), Anne Bancroff (Lyn Leslie), Donna Corcoran (Bunny), Jeane Cagney (Rochelle), Lurene Tuttle (Ruth Jones), Elisha Cook, Jr. (Eddie), Jim Backus (Peter Jones), Verna Falton, Don Beddoe, Willis B. Bouchoy.

Produção: Julian Blaustein para a 20th. Century Fox / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 76 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 18 de Julho de 1952 / **Estreia em Portugal:** Alvalade, a 16 de Fevereiro de 1954.

No princípio da década de 1950 a situação do cinema é de crise aguda. As leis anti-trust nos Estados Unidos, retirando às *majors* as suas redes de exibição, abalaram o sistema tradicional de produção, enquanto a ascensão fulgurante da televisão (oito milhões de aparelhos vendidos nos EUA, só em 1950) provoca uma sangria na frequência dos cinemas. Em busca de remédios para a doença, as companhias desenterram receitas velhas, já experimentadas anteriormente e postas de lado: o relevo, que seria uma curiosidade breve e rapidamente abandonada e o aumento das dimensões do ecrã: do Cinerama ao Todd-Ao, passando pelo CinemaScope, e a busca duma maior fidelidade na reprodução sonora. Porém, algo de mais perfeito, para o fim em vista, estava sendo moldado nos estúdios da Fox. Disse Marjorie Rosen no seu livro *Popcorn Venus: "O que lançou verdadeiramente os negócios não foi uma invenção do homem, foi um prodígio da natureza: Marilyn Monroe."* Outros disseram, e com razão, que o cinema foi salvo, na década de 50 pelo CinemaScope e por Marilyn e, neste caso não é exagero algum se considerarmos que ela foi modelo para dezenas de atrizes, *starlettes* e candidatas ao cinema nessa década, e não só. A verdade é que o triunfo de ambos (o *scope* e Marilyn) é simultâneo (e Marilyn é a intérprete do segundo filme em *Scope*, **How to Marry a Millionaire**), como se o primeiro se tornasse condição necessária para apresentar a segunda e, digam o que disserem, o primeiro plano perfeito em *Scope* foi assinado por Preminger com Marilyn cantando num bar duma cidade do Oeste em **River of no Return**. Mas isto é meter o carro à frente dos bois. O *Scope* e o triunfo definitivo de Marilyn virão no ano seguinte a este **Don't Bother to Knock**.

Em 1952 Marilyn está de novo na Fox, que foi o primeiro estúdio que a contratou (Ben Lyon antigo cómico e executivo dos estúdios ficou de tal modo seduzido com a sua figura que lhe ofereceu um contrato) em 1948, para correr com ela após dois ensaios, acontecendo em seguida o mesmo com a Columbia e a United Artists. Tem-se olhando demais para a faceta de loira fútil que a Fox posteriormente sempre lhe tentou dar, o que provocou não poucos conflitos. Mas é facilmente esquecida uma das características dessas personagens: a persistência, ou teimosia, com que perseguia os seus objectivos, fossem diamantes ou milionários (**Gentlemen Prefer Blondes**, **How to Marry...**). Foi essa característica, que era parte da sua própria personalidade, que lhe permitiu persistir, teimosamente, nos seus objectivos. Criando uma imagem, tornando-se facilmente reconhecível com ampla difusão de fotos pelas revistas, soube fazer-se notar quer pela Metro, quer pela Fox. Zanuck, que dizem ter sido um bom conhecedor de mulheres, viu nela algo

que saía do convencional e contratou-a de novo. Ao longo duma série de filmes e imagens foi-se destacando, criando forma. **Don't Bother to Knock** foi uma dessas experiências, com um papel de destaque. Pela primeira vez Marilyn é cabeça de cartaz ao lado de Richard Widmark. A experiência foi desastrosa. O filme de Roy Ward Baker (o britânico que se estreou na realização em 1947, mais lembrado pelos filmes de terror que fez para a Hamer a partir dos anos 60, com destaque para o excelente **Quatermass and the Pit**) foi um fracasso e Marilyn voltaria por duas vezes a papéis secundários (**Monkey Business**, **O'Henry's Full House**), antes da sua imagem de marca ser descoberta e lançada simultaneamente por Hathaway (**Niagara**) e Hawks (**Gentlemen Prefer Blondes**).

Costuma-se dizer que uma das razões do fracasso de **Don't Bother to Knock** (para além deste título que evoca uma comédia, e que de facto servirá para uma comédia nos anos sessenta), foi o *miscast* dos principais intérpretes. Nem Marilyn nem Widmark pareciam indicados para aqueles papéis. Se o caso parece ser evidente no que se refere a Widmark (pouco à vontade num personagem sem consistência nem força psicológica) já o mesmo não acontece com a futura intérprete de **The Misfits**. É fora de dúvidas que, quando se falou do *miscast*, tinha-se em mente a figura de marca de Marilyn nos filmes seguintes. O filme de Roy Ward Baker foi relançado, e em muitos países só foi exibido, após os êxitos dos de Hawks, Hathaway e Negulesco, como aconteceu entre nós. Ainda sem essas influências a *Variety* dizia aquando da estreia de **Don't Bother to Knock** que Marilyn Monroe "*gives an excellent account of herself*" e, mais adiante que "*the studio has an upcoming dramatic star in Miss Monroe*" (o sublinhado é meu). Apesar das fraquezas do argumento, baseado numa história de Charlotte Armstrong, e duma realização pouco mais do que convencional (mas vale a pena destacar a sobriedade do trabalho de Baker com o *décor* único do hotel, encontrando por vezes soluções bastante interessantes, como a atracção Marilyn/Widmark através da janela e do movimento das persianas, o aproveitamento do espaço do bar para a tensão criada entre Widmark e Bancroft, com a inevitável canção por esta, os *gags* repetidos do cão no elevador), o filme consegue transmitir-nos um certo clima de angústia e mal estar, para o que contribuem dois factores: as canções de Anne Bancroft que obsessivamente percorrem e ocupam o espaço cénico, levando os personagens a reagirem por vezes com violência, e que vai, com frequência, servir de *raccord* sonoro para a passagem pelos vários locais, e a segurança de Marilyn no papel da jovem neurótica, recém-saída duma clínica de doenças mentais e que julga ver em Widmark o noivo que perdera na guerra. Há já, na altura, muito de Marilyn naquela personagem e a imagem final da tentativa de suicídio adquire uma terrível premonição. O rosto patético parece transmitir a sua angústia. A fragilidade da personagem é a fragilidade da própria Marilyn. O problema com o filme é que ele não se enquadra na imagem arquetípica que depois se formou de Marilyn. Só em **The Misfits** se voltará a encontrar a mesma identificação de mulher e personagem. Mas **Don't Bother to Knock**, apesar dos seus limites, tem também os sinais da outra Marilyn. Não me refiro ao plano ("experimental", se assim se pode dizer) de Marilyn em *négligé*, desnudando o ombro, mas antes à forma como desperta o desejo em Widmark através das janelas: uma certa perversidade inocente que explodirá inteiramente em **Gentlemen...** e **The Seven Year Itch**.

Já se disse que o filme foi um fracasso. Apesar disso, e dos problemas que, cada vez com mais frequência, causava à produção (nesse mesmo ano começam os seus famosos atrasos durante as filmagens de **Clash by Night**, o que vai provocar um ambiente de mal estar entre Marilyn e Barbara Stanwyck e Robert Ryan), a Fox (ou Zanuck), apercebendo-se dos sinais referidos, tolerou-lhe aquilo a que chamaria os seus caprichos. Instintivamente os executivos viam a estrela emergir. O que se confirmou rapidamente com os resultados que todos conhecemos, e enchendo de luz o mundo e o cinema.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico